

## O CONTATO ENTRE LÍNGUAS E O CONHECIMENTO DA LINGUAGEM HUMANA

### Abstract

This article presents an overview of the development of the area of linguistics dedicated to the scientific study of pidgin and creole languages, and of its contributions to the advancement of linguistic theory in general, and to knowledge regarding the origins of human language specifically. In the field of pidgin and creole linguistics, debate centres on attempts to explain the genesis of creole languages by means of the transfer of substrate language structures into the emergent new linguistic entity formed in the contact situation, and attempts to explain the structural characteristics of creole languages by appealing to universal mechanisms of human language. Of the latter, the major exponent is Derek Bickerton, the creator of the theory of the Language Bioprogram, a mechanism that would act in a decisive manner in the process of nativization that gives rise to creole languages. Finally, the article underlines the contribution of scientific research to overcoming prejudices concerning pidgin and creole languages that result from their social histories.

**Key words:** origins of human language. Pidgin languages. Creole languages.

### INTRODUÇÃO

O estudo científico das línguas teria como uma de suas questões fundamentais, ao lado da definição da natureza essencial do fenômeno lingüístico, a questão da origem das línguas humanas. Não deixa de surpreender ao observador atento o fato de todos os agrupamentos humanos conhecidos, mesmo aqueles mais isolados e considerados mais primitivos – os agrupamentos humanos que literalmente vivem na idade da pedra –, absolutamente todos dispõem de um sistema de linguagem verbal altamente estruturado, solidário e universal, no sentido de que é igualmente compartilhado por todos os indivíduos da comunidade, sem exceção. Vale destacar também que, do ponto de vista estrutural, as línguas desses povos “exóticos” exibem o mesmo nível de complexidade dos idiomas de povos com processos civilizatórios que remontam há séculos, ou milênios, e que têm uma tradição escrita de cerca de mil anos, como o francês, o inglês e o alemão.

É, sem sombra de dúvida, extremamente instigante se perguntar, como e por que o dispositivo da linguagem se desenvolveu, certamente de forma independente, em todos os agrupamentos humanos que se espalharam pela superfície do globo terrestre, mesmo entre aqueles que se isolaram nas remotas ilhas perdidas na imensidão do Oceano Pacífico. Entretanto, em 1866, a Sociedade de Lingüística de Paris, no artigo segundo dos seus estatutos, decretou que a questão da origem das línguas não era objeto legítimo da investigação científica (AUROUX, 1998, p. 56). Tal assertiva tem a sua fundamentação epistemológica na impossibilidade de se

verificar empiricamente as hipóteses que se venham a formular sobre a questão.

Com efeito, a origem da linguagem verbal remonta ao surgimento do *homo sapiens*, há cem mil anos, e esta provavelmente terá se desenvolvido paralelamente à formação da cultura e da capacidade simbólica da espécie humana, num processo dialético em que a linguagem verbal é, a um só tempo, resultante e elemento estruturador de ambas.

A linguagem falada se situa normalmente no plano da cultura imaterial, porquanto a sua representação escrita é um processo bastante tardio e específico, ligado certamente ao processo civilizatório. Achados arqueológicos, tais como ossos polidos e pedras talhadas, nos informam sobre a capacidade artesanal dos longínquos habitantes das cavernas, mas nada nos dizem sobre a sua competência lingüística. Os povos mais isolados e primitivos com que a civilização ocidental contactou ao longo do século XX, seja na floresta amazônica, seja em Papua-Nova Guiné, já tinham desenvolvido a sua linguagem verbal há tantos milhares de anos quanto o explorador branco que ali chegava revestido de uma aura de sofisticação e, não raro, de preconceito. Assim, como testar as hipóteses acerca da origem das línguas e – ousar dizer agora – da própria natureza essencial do fenômeno lingüístico?

A observação de como as crianças desenvolvem a sua língua materna, mesmo que ofereça apenas evidências indiretas acerca das questões que aqui nos interessam, constitui um campo privilegiado de investigação. Entretanto, a expansão do modo de produção capitalista a partir do século XV, não apenas colocou em

\* Professor Adjunto de Língua Portuguesa da Universidade Federal da Bahia, com bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Processo: 304623/2002-4).

contato direto todos os agrupamentos humanos do planeta, como também foi responsável pela desarticulação de muitos desses povos, promovendo o deslocamento ou a sujeição de populações inteiras, ou ainda reunindo, fora de seu contexto cultural próprio, indivíduos de diversas procedências etnolingüísticas. Desse modo, o colonialismo europeu promoveu o contato entre línguas num grau de intensidade e em dimensões demográficas provavelmente inéditas na história da humanidade.

O contato entre línguas é um fato relativamente comum na história dos agrupamentos humanos. Normalmente dele resultam empréstimos lexicais, e mais raramente a transferência de estruturas gramaticais de uma língua a outra. Entretanto, em certas situações específicas, o contato entre línguas pode gerar uma nova língua no curto lapso de tempo de uma ou duas gerações. E o colonialismo europeu, ao criar historicamente situações sócio-econômicas como as *plantations* no continente americano, ou os entrepostos comerciais nas costas da África e da Ásia, produziu, com frequência, situações desse tipo. Delas resultaram línguas pidgins, como o tok pisin ou o pidgin inglês de Hong Kong, e línguas crioulas, como o forro e o angolar, na Ilha de São Tomé na África, e o saramacan e sranan, no Suriname, na América do Sul; e, ainda, de particular importância para o desenvolvimento teórico da pesquisa lingüística no campo, o pidgin e o crioulo inglês do Havaí, formados entre o final século XIX e o início do século XX. A formação dessas línguas certamente oferece preciosas indicações sobre a origem das línguas humanas e sobre a própria natureza essencial da linguagem verbal. Entretanto, não obstante o grande desenvolvimento da crioulistica nas últimas décadas, trata-se de um campo da investigação ainda pouco explorado, e que conta com poucos pesquisadores no Brasil.

## 1. UM PANORAMA DAS PESQUISAS SOBRE O CONTATO ENTRE LÍNGUAS

Os primeiros registros históricos de línguas pidgins e crioulas provêm de missionários e funcionários coloniais que, por alguma motivação particular (a catequese ou a simples curiosidade, por exemplo), atentaram para a linguagem original que surgia do esforço dos nativos em adquirir a língua do seu colonizador europeu. Não raro, esses registros são eivados

de preconceito, e costumam utilizar adjetivos como *estropiado*, *tosco*, *degenerado* e *imperfeito* para designar as mudanças que separam essas variedades lingüísticas da língua que os seus novos falantes buscavam adquirir para vencer as barreiras etnolingüísticas assentes na situação de contato. Do alto do seu eurocentrismo, atribuíam a motivação dessas alterações à inferioridade cultural dos colonizados, e alguns chegaram mesmo a ver aí uma prova da incapacidade mental daqueles povos exóticos em assimilar a racionalidade do pensamento ocidental.

Só no final do século XIX, surgem as primeiras observações sistemáticas acerca da especificidade dos processos lingüísticos ocorridos nas situações de contato maciço e continuado entre línguas. Deve-se destacar aí o nome do filólogo português Francisco Adolfo Coelho, autor, na década de 1880, de uma significativa coletânea de artigos sobre “dialetos românicos, crioulos e indo-portugueses”, abrangendo inclusive línguas crioulas de base lexical não portuguesa. Adolfo Coelho também foi pioneiro na formulação de princípios gerais que regulariam a formação das variedades lingüísticas surgidas nas situações de contato, defendendo que: “os dialetos românico-crioulos, indo-portugueses e todas as formações semelhantes devem a origem à acção de leis psicológicas ou fisiológicas por toda a parte as mesmas e não à influência das línguas anteriores dos povos em que se achavam esses dialectos” (*apud* MORAIS-BARBOSA, 1967, p. 105). Finca-se, com essas palavras, um primeiro pólo das correntes teóricas acerca da formação de variedades lingüísticas nas situações de contato, em que se defende que esses processos são regidos por princípios universais relativos à mente humana em geral e à aquisição da linguagem em particular, colocando-se em segundo plano a transferência das estruturas gramaticais das línguas envolvidas na situação de contato.

O pólo oposto já levantava o seu estandarte na mesma época, através do estudioso francês Lucien Adam que, em 1883, propôs, que as variedades lingüísticas formadas nas situações de contato entre línguas produzidas pelo colonialismo europeu resultavam da fusão da(s) gramática(s) das línguas nativas colonizadas com o vocabulário da língua européia dos dominadores (*apud* SILVA NETO, 1950, p. 14). E a lingüista haitiana Suzanne Sylvain chegaria a definir o crioulo francês do Haiti, em 1936, como “uma língua ewe com vocabulário francês” (*apud* COUTO, 1996, p. 127). Segundo essa corrente,

as propriedades estruturais que caracterizam as línguas crioulas seriam decorrentes das propriedades gramaticais das línguas do substrato<sup>1</sup>.

Essa clara divisão marca profundamente o campo de estudo do contato entre línguas até os dias atuais, opondo universalistas a substratistas<sup>2</sup>. Enquanto esses últimos buscavam identificar no emaranhado das línguas africanas a origem das estruturas em que os escravos das senzalas encaixavam as poucas palavras da língua em que recebiam as ordens de seus feitores e senhores europeus, os universalistas buscavam equacionar as estruturas dessas línguas originais na estrutura *sui generis* da mente humana, gravada no patrimônio genético do *homo sapiens*. A nativização afigura-se, então, como um divisor de águas no processo de formação de entidades lingüísticas originais nas situações de contato prolongado e maciço entre línguas.

## 2. O “NASCIMENTO” DAS LÍNGUAS CRIOULAS E O ORIGEM DA LINGUAGEM HUMANA

Na década de 1960, o lingüista norte-americano Robert Hall Jr. desenvolveu uma teoria sobre o ciclo de vida das línguas formadas em situações de contato, e estabeleceu definitivamente a distinção entre línguas pidgins e crioulas, definindo essas últimas como o resultado da nativização das primeiras. Essa distinção foi explorada, na década de 1980, em favor da hipótese universalista, por Dereck Bickerton, um outro lingüista norte-americano radicado no Havaí.

As situações arquetípicas de contato entre línguas desencadeadas pelo colonialismo europeu situam-se *felizmente* – com bem observou Steven Pinker (2002, p. 30) – num passado relativamente remoto. Entretanto, um

processo pleno de criouliização ocorreu num passado relativamente recente, fornecendo preciosas evidências aos lingüistas hodiernos. No final do século XIX, a cultura da cana-de-açúcar se desenvolveu rapidamente no Havaí, ocorrendo a importação de muitos trabalhadores braçais provenientes do Japão, da China, da Coreia, das Filipinas, de Portugal e de Porto Rico. Esses trabalhadores, em sua grande maioria já adultos, adquiriram o inglês de forma bastante precária, adaptando um reduzido vocabulário de palavras inglesas às estruturas de suas línguas nativas. Essa linguagem emergencial passou a ser o meio do intercuro verbal desses imigrantes, dando origem ao pidgin inglês do Havaí. Bickerton, que chegou a alcançar alguns desses imigrantes ainda vivos, em sua pesquisa de campo na década de 1970, observou que essa linguagem emergencial era bastante diferente da linguagem que se desenvolveu como língua materna dos descendentes desses imigrantes, tendo como modelo a língua pidgin falada pelos seus pais.

E também não era o inglês a língua que esses novos havaianos falavam, mas uma língua que, embora exibe-se um léxico majoritariamente inglês, possuía uma gramática qualitativamente distinta da gramática da língua inglesa, com sistemas originais de artigos, de marcadores de tempo, modo e aspecto e de orações relativas, entre outros. Essa gramática nova, a do crioulo inglês do Havaí, não era também uma mera colagem de estruturas gramaticais do chinês, do japonês, ou do português, ou seja das outras línguas envolvidas na situação de contato. Além disso, comparado com o pidgin (que não é língua materna de nenhum dos seus falantes), o crioulo inglês do Havaí é muito mais estável e estruturado em termos gramaticais.

Com base nessas evidências, Bickerton (1981, 1984 e 1988) elaborou uma arrojada e muito questionada teoria, fundamentada no conceito do *Bioprograma da Linguagem*, segundo o qual a

<sup>1</sup> Cf. Arends, Kouwenberg e Smith (1994, p. 99): “O termo *substrato* teve a sua origem no século XIX, no âmbito da lingüística histórica e da geografia lingüística. Refere-se à língua ou dialeto de grupos desprestigiados em situações de contato lingüístico. Assim, por exemplo, o gaulês, a antiga língua celta da França, foi tomada como substrato para o latim que se desenvolveu lá durante a dominação romana. Similarmente, a língua de grupos de maior prestígio é denominada *superstrato*. Finalmente, quando duas línguas de igual prestígio estão em contato, essas são denominadas línguas de *adstrato*. Em crioulistica, entretanto, o termo *adstrato* é geralmente usado em referência a línguas envolvidas no surgimento de uma língua crioula, sem pertencer necessariamente, nem ao substrato, nem ao superstrato. Além de se referirem às línguas particulares envolvidas em situações de contato, os termos *substrato*, *superstrato* e *adstrato* são também usados para se referirem aos efeitos causados por essas línguas nas línguas que surgem nas situações de contato entre elas” (Tradução minha).

<sup>2</sup> Uma significativa reunião de artigos sobre essa polêmica pode ser encontrada em Muysken & Smith (1986) e Mufwene (1993).

nativização é crucial para o nascimento de uma nova língua. Por serem adultos, os falantes do pidgin não têm mais acesso aos dispositivos inatos da faculdade da linguagem, que regem o processo de aquisição da língua materna. Por isso, o pidgin é sempre muito instável e defectivo em termos de sua estrutura gramatical. Porém, ao servir de modelo para aquisição da língua materna das crianças nascidas na situação de contato, entram em ação os dispositivos mentais inatos da faculdade da linguagem, que Bickerton denominou de *Bioprograma da Linguagem*, de modo que esses dispositivos mentais, que fazem parte do patrimônio genético da espécie *homo sapiens*, acabam por preencher as lacunas do modelo defectivo constituído pelo pidgin, produzindo as estruturas originais da gramática da língua crioula, a língua nativa das novas gerações de falantes.

Segundo Bickerton (1999), a principal diferença entre o processo de crioulição, que podemos chamar mais genericamente de processo de *transmissão lingüística irregular*, e a transmissão regular de uma língua natural de uma geração a outra está no fato de que, enquanto na transmissão lingüística regular, a criança recebe dos seus pais um modelo razoavelmente completo, ou seja, tem acesso a dados robustos das opções estruturais que devem ser feitas, no processo de transmissão lingüística irregular, a criança não dispõe dessa "sinalização", de modo que a faculdade da linguagem age livremente, não sendo afetada pelas impurezas que séculos de tradição e milênios de mudanças fonéticas introduziram nas estruturas das demais línguas humanas<sup>3</sup>.

Por serem o reflexo mais puro da faculdade da linguagem, as línguas crioulas seriam o que existe de mais próximo da origem das línguas humanas, ou da linguagem humana original, como nos sugere Bickerton (1981, p. 108) através da fábula do Faraó Psamtik I, que, no Egito do segundo milênio antes de Cristo, queria descobrir a língua original da humanidade. Através de um decreto, o Faraó determinou que duas crianças fossem afastadas de seus pais e postas aos cuidados de um criado mudo, no mais absoluto isolamento. O Faraó também orientou o criado a

anotar a primeira palavra emitida pelas crianças, pois ele acreditava que, sem a influência das línguas corrompidas pela tradição, as crianças começariam a falar na língua original da humanidade. O primeiro som inteligível que as crianças produziram foi algo semelhante a *bekos*, que significava 'pão' na antiga língua frígia. Então, Psamtik I promulgou o frígio como a língua original da humanidade.

Assim como a metodologia do Faraó não nos parece muito plausível, o caráter que a teoria de Bickerton empresta às línguas crioulas e à sua gênese também tem sido muito questionado. Uma forte contra-evidência às proposições do Bioprograma da Linguagem vem das pesquisas feitas pela lingüista Giliam Sankoff (1980) sobre o tok pisin, mais ou menos na mesma época em Bickerton estudava o crioulo do Havaí. O tok pisin, uma língua pidgin de base lexical inglesa, é a língua oficial de Papua Nova Guiné, sendo empregada nas mais diversas situações, inclusive nas sessões do parlamento, nos noticiários televisivos, bem como, em sua modalidade escrita, nos jornais impressos. Desse modo, apesar de não se ter convertido na língua materna da maioria dos seus falantes, que continuam a usar no âmbito da sua interação intra-grupal uma das centenas de línguas nativas da ilha, o tok pisin atingiu um estágio de plenitude funcional e estrutural, comparável a qualquer outra língua natural. Mais do que isso, em suas pesquisas, Gilian Sakoff (1980) contrastou a produção verbal de falantes que tinham o tok pisin como língua segunda e os novos falantes que já tinham como língua materna uma versão criouliçada do tok pisin. E a conclusão de Gilian Sankoff foi a de que a diferença entre o pidgin e a sua versão criouliçada, em termos de sua complexidade estrutural, era irrelevante. Diante de tais evidências, a hipótese de Bickerton de que a nativização é crucial para a estruturação de uma nova língua fica comprometida, pelo menos em suas versões mais fortes, ou seja, mais restritivas.

E o próprio Bickerton tem atenuado as suas afirmações, buscando conjugar o lado psíquico-biológico do processo de crioulição com o contexto sócio-demográfico em que ele

<sup>3</sup> Cf. Bickerton (1999, p. 57): "o processo de aquisição não difere totalmente no caso normal e nos casos crioulos. Em ambos, a criança adquire tanto vocabulário quanto ela necessita, ou quanto existe. Essa última condição se aplica ao caso crioulo. No caso normal, a criança de quatro ou cinco anos terá que adquirir uma larga gama de itens gramaticais – o bastante para satisfazer os requerimentos estruturais (em termos de regência, anáfora e assim por diante) impostas pela sintaxe inata. No caso crioulo, para a maioria desses requerimentos, a criança simplesmente não tem como encontrar os itens gramaticais apropriados no pidgin. Portanto, os itens gramaticais terão que ser criados através do recrutamento de itens lexicais, num processo em que significado referencial desses itens é enfraquecido." (tradução minha)

se desenvolve. Nesse sentido, somente nos chamados crioulos radicais formados no curto lapso de uma ou duas gerações, num contexto em que para cada falante da língua alvo se tenha pelo menos dez aloglotas, poderíamos surpreender uma ação mais efetiva do Bioprograma da Linguagem. Nas situações em que a proporção de falantes da língua dominante fosse maior, a ação do Bioprograma seria naturalmente inibida pela influência dos modelos e estruturas da língua alvo. Contudo, Bickerton ainda se mantém renitente no que concerne à influência das línguas do substrato, mantendo uma acesa polêmica com aqueles a quem chama ironicamente de *substratófilos*.

### 3. A INFLUÊNCIA DAS LÍNGUAS DO SUBSTRATO

Nos últimos anos, o desenvolvimento de uma consciência política de respeito e promoção da diversidade étnica e cultural tem fornecido o fermento ideológico para a ascensão das teorias substratistas. Porém, essas formulações ainda enfrentam sérios problemas, sobretudo no que diz respeito à sua fundamentação histórica.

É geralmente aceito que os senhores e traficantes de escravos cultivavam o expediente de misturar indivíduos de diferentes etnias, e preferencialmente falantes de línguas mutuamente ininteligíveis, evitando assim motins e sublevações. Por outro lado, a grande maioria dos escravos africanos trazidos para a América, particularmente para o Caribe, onde ocorreram os processos mais significativos de criouliização, procediam da então chamada Costa da Mina, que se estendia de onde é hoje o Senegal até a Nigéria. Trata-se da segunda região do planeta de maior diversidade lingüística, sendo somente superada pela Oceania. Portanto, no variadíssimo mosaico das línguas da África Ocidental, fica fácil encontrar qualquer uma das estruturas que se observam nas línguas crioulas da América hoje. Desse modo, pode-se encontrar em análises substratistas as mais variadas influências africanas para uma mesma

língua crioula, no que foi rotulado pejorativamente de "Princípio da Cafeteria".<sup>4</sup>

A questão que se coloca é: como reunir evidências independentes da relação genealógica entre uma língua africana e uma língua crioula falada na América. O problema fica ainda mais grave na medida em que sabemos que boa parte do tráfico negreiro era feita clandestinamente sem registros oficiais, e as próprias designações étnicas dos escravos que figuram nos registros da época não são muito confiáveis, em face da ignorância do colonizador europeu diante das culturas e etnias africanas. Mesmo a composição étnica atual da comunidade em que a língua crioula é falada pode ser enganosa, na medida em que o fluxo do tráfico nos diversos pontos da costa africana mudava com o tempo, e muitas vezes o grupo africano majoritário na época da formação do crioulo pode ser diferente dos grupos que o assimilaram posteriormente como sua língua materna.

Diante de tantas incertezas, talvez seja prudente atentar para o caminho trilhado por aquele que é considerado por muitos o "pai da crioulistica", o austríaco Hugo Schuchardt, que buscou deslindar nas línguas crioulas tanto estruturas provenientes das gramáticas das línguas do substrato, quanto estruturas que refletiriam propensões universais da linguagem humana (cf. MEIJER e MUYSKEN, 1977: 33-5).

### 4. AS CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS DAS LÍNGUAS PIDGINS E CRIOULAS

O grande desafio teórico do campo de investigação das situações de contato entre línguas provém do fato empírico geralmente assumido de que as línguas pidgins e crioulas compartilham certas propriedades estruturais, não obstante as diferentes línguas que estiveram em contato em cada situação específica em que cada língua pidgin ou crioula se formou. As explicações para isso vão desde uma teoria da monogênese,

<sup>4</sup> Cf. Arends, Kouwenberg e Smith (1994, p. 100): "O termo cunhado por Dillard (1970) refere-se à prática de atribuir arbitrariamente características dos crioulos de base lexical inglesa do Atlântico à influência de superstrato de diversos dialetos ingleses. No que concerne à influência de substrato, a expressão Princípio da Cafeteria refere-se a um processo similar, que por vezes é utilizado para 'demonstrar' a influência de línguas da África Ocidental em certos crioulos do Atlântico. Em sua forma mais extrema, o método consiste simplesmente em pinçar alguns elementos presentes nos crioulos e então, partir para tantos dicionários ou gramáticas de línguas da África Ocidental quantos forem necessários, até que uma correspondência mais ou menos plausível seja estabelecida. Na medida em que é continuada e convincentemente questionada por Bickerton (1981), tal procedimento torna-se insustentável em termos metodológicos. Em face do grande número de diferentes línguas na África Ocidental, é apenas uma questão de tempo encontrar as correspondências almeçadas."



poucas décadas nas línguas crioulas e que se estendem por muitos séculos de transmissão lingüística regular nas outras línguas.

Portanto, hoje, os que observam as línguas pidgins e crioulas não recorrem mais a adjetivos como *tosco* ou *imperfeito*, falam sim em simplificação no sentido econômico da maximização de pouquíssimos recursos, em um impressionante processo de reestruturação em que a alomorfia e a redundância são eliminadas, formas polivalentes desempenham várias funções, e palavras referências como os verbos assumem papéis gramaticais, originalmente desempenhados por preposições e conjunções, no que se denominou de *serialização verbal*.

E não deixa de ser fascinante perceber como o processo da linguagem humana não deixou de operar mesmo nas mais abjetas situações de exploração e incivilidade, em que culturas foram desbaratadas e seus membros, quer fossem homens, mulheres ou crianças, submetidos à sanha do colonizador europeu. Talvez a maior contribuição das pesquisas da ciência da linguagem sobre as situações de contato entre línguas não venha do conhecimento científico acumulado, mas no possível resgate da alteridade na construção do seu objeto de estudo. Assim, as línguas pidgins e crioulas podem ser vistas como a perfeita metáfora da possibilidade de se lidar com as diferenças étnicas e culturais de uma forma produtiva, criativa e, acima de tudo, solidária.

## REFERÊNCIAS

- ARENDS, Jacques; KOUWENBERG, Silvia e SMITH, Norval. Theories focusing on the non-European input. In: Jacques Arends, Pieter Muysken e Norval Smith (eds.). *Pidgins and creoles: an introduction*. Amsterdam: Benjamins, 1994
- AUROUX, Sylvain. *A filosofia da linguagem*. Campinas: Editora da UNICamp, 1998.
- BICKERTON, Derek. *Roots of language*. Ann Arbour: Karoma, 1981.
- BICKERTON, Derek. The Language Bioprogram Hypothesis. *Behavioural and Brain Sciences*, n. 7, pp.173-203, 1984.
- BICKERTON, Derek. Creole Languages and the Bioprogram. In: Frederick Newmeyer (org.). *Linguistics: The Cambridge survey*. v. 2. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 268-284, 1988.
- BICKERTON, Derek. *How to acquire language without positive evidence: what acquisitionists can learn from creoles*. In: DeGraff, Michel (1999), pp. 47-74, 1999.
- COUTO, Hildo Honório. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: UNB, 1996.
- HALL JR., Robert. *Pidgin and creole languages*. Ithaca: Cornell University Press, 1966.
- MEIJER, G e Muysken, P. On the beginnings of pidgin and creole studies: Schurchardt and Hesselting. In: Albert Valdman (ed.). *Pidgin and creole linguistics*. Bloomington: Indiana University Press, 21-48, 1977.
- MORAIS-BARBOSA, Jorge. *Estudos lingüísticos crioulos*. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967.
- MUFWENE, Salikoko. Pidgins, creoles, typology and markedness. In: Francis Byrne e Thom Hubner (eds.). *Development and structures in creole languages: Essay in honor of Derek Bickerton*. Amsterdam: John Benjamins, 123-43, 1991.

MUFWENE, Salikoko (ed.). **Africanisms in Afro-American language varieties**. Athens: University of Georgia Press, 1993.

MUYSKEN, Pieter e SMITH, Norval (eds.). **Substrata versus universals in creole genesis**. Amsterdam: Benjamins, 1986.

PINKER, Steven. **O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROBERTS, Ian. Creoles, markedness and the Language Bioprogram Hypothesis. **Estudos lingüísticos e literários**, n. 19, pp. 11-24, 1997.

SANKOFF, Gillian. **The social life of a language**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1980.

SILVANELO, Serafim da. "Falares Crioulos". Brasília, n. 5, pp. 3-28, 1950.

TAYLOR, Douglas. New languages for old in the West Indies. **Comparative studies in society and history**, n. 3, pp. 277-88, 1961.

THOMPSON, Robert S. A note on some possible affinities between the creole dialects of the New World and those of the New. **Creole Language Studies**, n. 2, pp. 107-13, 1961.